

## **A história do pinhão-manso no Instituto Fazenda Tamanduá.**

**2006-2016**

*Jatropha curcas* L. é uma planta da família das Euforbiáceas conhecida como pinhão-manso. A literatura atribui sua origem ao sul do México e a América Central, mas pode ser amplamente cultivada na maioria das regiões tropicais e subtropicais. Suas sementes contêm cerca de 30 – 40% de óleos vegetais, que após processamento pode ser facilmente transformado em biodiesel, um biocombustível de alta qualidade utilizado para mover motores diesel.

Em 2006, o pinhão-manso chegou a Fazenda Tamanduá pelas mãos de Pierre Landolt; que trazia não somente sementes, mas um grande desejo de inovação. Onde num momento de crise nos combustíveis fósseis, uma fonte de energia renovável se apresentava como uma relevante luz no fim do túnel. O olhar visionário do empresário originou um trabalho inédito não somente no sertão, mas no Brasil. Quando os olhos dos investidores começaram a enxergar o pinhão-manso, os campos da Fazenda Tamanduá já abrigavam plantas com mais de um ano de idade.

Se tratando de uma planta nunca trabalhada, desconhecida e “selvagem”, o objetivo principal da pesquisa era purificar os genótipos e produzir híbridos comerciais que possuísem as características morfológicas e genéticas ideais para uma alta produção de óleo. O fato de ser uma cultura perene, de rápido crescimento e floração precoce favoreceu o início do trabalho de purificação genotípica. Durante o processo de purificação, onde as plantas que apresentavam as melhores características eram selecionadas para seguir adiante, outras vertentes de pesquisa foram se mostrando interessantes. A utilização do óleo como biodefensivo agrícola e o uso da torta, sub-produto do processo de extração do óleo, como biofertilizante e ração animal foram os mais marcantes. A torta do pinhão-manso, assim como a soja, possui um alto teor de proteína e encontrar um genótipo atóxico, onde esse produto pudesse ser utilizado para ração animal, viabilizaria economicamente o cultivo do pinhão-manso.

O Instituto Fazenda Tamanduá se tornou referência na pesquisa do pinhão-manso, não somente no Brasil, mas a nível internacional. A equipe de

pesquisadores do IFT sempre estava presente nos mais importantes eventos de estudo do pinhão-manso, sempre contribuindo com o avanço da pesquisa.

Recebemos na Fazenda Tamanduá a diretoria e pesquisadores da Galp Energia do Portugal e da Petrogal, que estavam trabalhando o jatropa no Moçambique. Abrigamos também na Fazenda Tamanduá um evento do II Circuito Nacional do Pinhão Manso.

Após uma década de trabalho, foi possível a obtenção de híbridos comerciais com excelentes características agricultáveis, sementes com alto teor de óleo, resistência a pragas e doenças e de alta produtividade.

Porém, no intervalo, o interesse para o pinhão manso diminuiu. Todos pensavam que era uma cultura fácil, adaptada a regiões semi-áridas; não era bem o caso infelizmente... e a empolgação cessou no mundo inteiro.

Além do mais o modelo de produção valorizando exclusivamente o óleo era economicamente inviável, deixando de lado a torta, rica em proteína, mas tóxica. Foi justamente uma das pistas seguida pelo Instituto Fazenda Tamanduá, acompanhando o modelo da soja cuja torta é altamente valorizada e o óleo não passa de um sub-produto, Mas não chegamos lá.

Assim morreu o Pinhão Manso na Fazenda Tamanduá...

Com o espírito inovador e o incentivo constante de Pierre Landolt foi possível alcançar excelentes resultados. E, pessoalmente falando, o Instituto Fazenda Tamanduá contribuiu não somente para o meu crescimento profissional como Engenheira Florestal, mas também para o meu crescimento como pessoa pelas oportunidades que me foram oferecidas. Ao Sr. Pierre minha gratidão pela confiança e o meu desejo que esse espírito inovador de ti nunca se aparte.

Déborah Laurentino de Moraes  
Mestre em Ciências Florestais.

IMAGENS:













